

derrubar o duque evie dunmore

Tradução de Rui Azeredo

*Para Opa,
que me ensinou que eu aguentava qualquer coisa,
mas que não tinha de tolerar tudo.*

Capítulo 1



Kent, agosto de 1879

— De maneira nenhuma. Que ideia mais desmiolada, Annabelle. Os olhos de Gilbert tinham o ar de espanto de uma lebre que se sabia prestes a ser apanhada por cães de caça.

Annabelle baixou as pestanas. Sabia que mostraria um ar recatado, e o recato aplacava o seu primo quando se mostrava perturbado. De entre todos os tipos de homens que aprendeu a gerir, o género «ignorante, mas narcisista» não era propriamente o mais desafiador. Por outro lado, como o próprio destino dela jazia nas mãos de tal homem, além de prejudicial, era insultuoso. Gilbert seria capaz de lhe furtar a oportunidade de uma vida aqui mesmo neste pequeno gabinete e voltar de imediato a admirar as borboletas, recentemente cravadas com alfinetes no expositor da escrivaninha diante deles.

— O que se seguirá — disse ele —, juntar-se ao circo? Candidatar-se ao parlamento?

— Compreendo que isto seja invulgar — reconheceu ela —, mas...

— Não vai para Oxford — berrou, batendo com a mão na escrivaninha.

A antiga escrivaninha do pai. Deixada por testamento a Gilbert, e não a ela. A distinta peça de mobília nada fez pelo seu primo: desgastada pelo tempo e assente sobre quatro garras de leão esculpidas, teria engrandecido a autoridade de qualquer homem que se sentasse imperiosamente atrás, mas Gilbert continuava inchado como uma galinha assustada. Bem, era compreensível

que se sentisse encurralado. Ela própria se surpreendera a si mesma. Ao fim de cinco anos a servir de criada para todo o serviço a Gilbert, não contava voltar a sentir uma necessidade premente de nada. Mantivera-se de cabeça baixa, pés bem assentes no chão e aceitara que os limites de Chorleywood traçassem a fronteira dos seus sonhos. E então, a notícia de que a Universidade de Oxford abria uma faculdade feminina atingiu-a com uma flecha em pleno peito.

A sua pretensão passara por ignorar a situação, mas, ao fim de apenas uma semana, o seu autocontrolo, tão laboriosamente edificado, desmoronara-se.

Mas, sem dúvida, não se tratava apenas de um caso de querer muito algo. Quem sabia por quanto tempo a dilapidada família de Gilbert se interporia entre ela e a destituição? Entre ela e uma posição onde era presa fácil para um amo lascivo? Durante o dia, percorria as suas rotinas como um autómato. À noite, crescia dentro dela a consciência de que se encontrava eternamente em equilíbrio num precipício de um abismo e ali, bem lá no fundo, espreitava uma idade avançada num asilo. Nos seus pesadelos, caía e caía.

Com os dedos, tateou o envelope esguio no bolso do seu avental. A sua carta de admissão a Oxford. Uma educação adequada poderia interromper a sua queda.

— A conversa acabou — disse Gilbert.

Ela cerrou as mãos. *Calma. Mantém-te calma.*

— Não pretendia discutir consigo — disse, num tom brando. — Pensei que ficaria encantado. — Uma mentira descarada.

Gilbert franziu a testa.

— Eu, encantado? — A expressão dele passou a ser algo semelhante a preocupação. — Sente-se bem?

— Tendo em conta as vantagens que traria à sua família, assumi que não recusaria a oportunidade.

— Vantagens...

— Peço desculpa, primo. Não deveria tê-lo feito perder o seu precioso tempo. — Fez tenções de levantar-se.

— Ora, não se apresse — disse Gilbert, acenando com a mão. — Sente-se, sente-se.

Fitou-o com um olhar límpido.

— Sei que tem grandes planos para os rapazes — disse ela. — E uma governanta licenciada em Oxford seria de grande ajuda com isso.

— Efetivamente, tenho planos, grandes planos — cacarejou Gilbert —, mas já sabe mais grego e latim do que o necessário, por certo mais do que é

sequer adequado. E é bem sabido que educação em excesso desvirtua o cérebro de uma mulher, e onde está aí a nossa vantagem, hein?

— Eu poderia candidatar-me a um cargo de governanta ou de acompanhante na casa senhorial.

Era o derradeiro golpe dela — se mencionar o Barão Ashby, senhor da casa senhorial ao cimo da colina e proprietário da paróquia deles, não demovesse Gilbert, nada o faria. Gilbert praticamente venerava o chão pisado pelo nobre.

Efetivamente, ele hesitou. Quase conseguia ouvir a mente dele começar a laborar, chocalhando tal como a velha mó da cozinha, *velha* por Gilbert nunca ter disposto de dinheiro para a manutenção da casa rural. Uma consequência lógica quando o seu escasso salário por tocar os sinos da igreja permanece o mesmo enquanto a família vai crescendo.

— Bem — disse Gilbert —, isso poderia resultar numa boa maquia. O senhor paga bem.

— Efetivamente. Mas eu compreendo. Nem sequer uma fortuna justifica um comportamento impróprio.

— É verdade, é verdade, mas não seria exatamente impróprio, tendo em conta que serviria um propósito maior, pois não?

— Oh — gritou ela —, eu nunca poderia ir, agora que me mostrou todas as lacunas do meu plano — e se o meu cérebro se desvirtua?...

— Ora essa, não exagere — disse Gilbert. — A sua cabeça já deve estar bem habituada aos livros. No entanto, não aguentamos sem os seus serviços nem sequer uma semana. Eu teria de contratar alguém para o seu lugar. — Lançou-lhe um olhar assustadoramente matreiro. — O orçamento não o permitirá, como muito bem sabe.

Que infortúnio ele ter descoberto *agora* as vantagens do planeamento financeiro. Sem dúvida, queria que o compensasse por quaisquer despesas que a sua partida gerasse, dado que ela lhe custava exatamente... nada. Infelizmente, a sua pequena bolsa de estudos mal daria para se alimentar e vestir.

Ela debruçou-se para a frente na cadeira.

— Quanto é que pagaria a uma criada, primo?

Gilbert arregalou os olhos com a surpresa, mas depressa recuperou.

Cruzou os braços.

— Duas libras.

Ela soergueu uma sobrancelha.

— Duas libras?!

Ele mostrou uma expressão irredutível.

— Sim. A Beth está, hã... outra vez um pouco condicionada. Terei de contratar ajuda adicional.

Não o faria, mas ela logrou disfarçar a irritação.

— Então, envio-lhe duas libras por mês.

Gilbert franziu o sobrolho.

— Essa agora, como é que vai conseguir?

— É muito simples. — *Não faça a mínima ideia.* — Haverá imensos alunos a precisar de ajuda nos estudos.

— Percebo.

Ele não estava convencido, tão-pouco ela, pois nem sequer as criadas da casa senhorial ganhavam duas libras mensais, e já seria um milagre se conseguisse amealhar dois xelins por mês.

Ela levantou-se e estendeu-lhe a mão sobre o tampo da escrivaninha.

— Tem a minha palavra.

Gilbert fitou a mão dela como se esta fosse uma criatura estranha.

— Diga-me — disse, então —, como é que posso ter a certeza de que não vai deixar-se apanhar por aquelas pomposidades de Oxford, e que vai acabar por regressar cá?

A mente dela bloqueou. Que estranho. Todo o propósito de arrancar a permissão de Gilbert foi para poder manter o seu lugar no lar — uma mulher precisa de um lugar seu, seja qual for. Mas algo se espicçou dentro dela face à ideia de dar a sua palavra em relação ao assunto.

— Mas, para onde mais poderia ir? — questionou.

Gilbert franziu os lábios. Distraidamente, afagou a barriga. Levou o seu tempo até retomar a palavra.

— Se falhar nos seus pagamentos — disse, por fim —, vou ter de lhe pedir que regresse.

A mente dela digeriu lentamente as palavras. Chamá-la de volta implicava que antes de mais a deixava partir. Estava a deixá-la ir.

— Entendido — logrou responder.

A pressão dos dedos macios mal se fez notar na palma da mão calosa dela, que já se apoiara na escrivaninha, a única coisa sólida numa divisão de repente turva.

— Naturalmente, vai necessitar de uma dama de companhia — ouviu-o dizer.

Ela não conseguiu conter uma gargalhada, um som vindo das profundezas da sua garganta que até a ela assustou.

— Mas eu tenho vinte e cinco anos.

— Hmff... — reagiu Gilbert. — Suponho que tal educação de qualquer maneira a vá impedir de um dia vir a casar.

— Então, que felicidade eu não ter desejo de casar.

— Sim, sim — disse Gilbert. Ela sabia que ele não aprovava a sua decisão de se manter solteira, *não é natural*. Mas qualquer preocupação demonstrada em relação à sua virtude seria, na melhor das hipóteses, apenas um pequeno acenar ao protocolo, como ele provavelmente suspeitaria. Ou, tal como toda a gente em Chorleywood, ele desconfiava de algo.

Parecendo combinado, ele franziu o sobrolho.

— Há uma outra situação a necessitar de ser esclarecida, Annabelle, e de forma bem clara.

As palavras já pairavam entre eles, como abutres prontos a atacar.

Que a bicassem; neste ponto, a sua sensibilidade estava já tão calejada como as mãos.

— Oxford, como muito bem sabe, é um lugar de vícios — começou por dizer Gilbert —, um ninho de víboras, pleno de bêbedos e de devassidão. Se se envolver em algo impróprio, se houver uma sombra de dúvida que seja face à sua conduta moral, por muito que me doa perderá o seu lugar nesta casa. Um homem na minha posição, ao serviço da Igreja de Inglaterra, não pode ser associado a escândalos.

Referia-se, indubitavelmente, ao tipo de escândalos envolvendo homens. Nesse aspeto, não teria de se preocupar. Havia, no entanto, a questão da bolsa de estudos. Gilbert parecia ter entendido que fora concedida pela universidade, mas na realidade o benfeitor dela era a Sociedade Nacional pelo Sufrágio das Mulheres, que tinha agora de apoiar na sua demanda pelo direito de voto para as mulheres. Em sua defesa, começara a prestar atenção à sociedade através de uma tal *Lady* Lucie Tedbury e dos seus anúncios aos estipêndios das mulheres, e não por ter interesse no ativismo político, mas era certo que na lista dos ultrajes morais *voto para as mulheres* constaria quase ao nível dos escândalos amorosos no livro de regras de Gilbert.

— Felizmente, uma velha solteirona do campo deve estar a salvo de qualquer escândalo — disse ela, animada —, até em Oxford.

Gilbert voltou a franzir o sobrolho. Ela retesou-se quando ele a observou atentamente. Será que já teria passado do prazo? Podia já ter passado a flor da idade, e escavar batatas ao vento, sol e chuva já lhe traçara umas rugas delicadas em redor dos olhos. Mas o espelho de manhã ainda lhe mostrava um rosto de vinte e poucos anos, as mesmas maçãs do rosto oblíquas, o nariz fino

e, num aceno aos seus antepassados franceses, uma boca que parecia sempre na iminência de fazer beicinho. Uma boca que impelia um homem a ficar louco por ela, ou pelo menos assim lhe fora dito.

Formou um sorriso irónico. Onde quer que visse o seu reflexo, via os seus olhos. O seu cintilar verde há muito que fora embaciado por um conhecimento que não seria possuído por uma jovem debutante, um conhecimento que a escudava muito melhor de escândalos do que alguma vez conseguiria um aspeto desgastado. Na realidade, a última coisa que desejava era voltar a ter problemas por causa de um homem.

Capítulo 2



Westminster, outubro

— **C**ora bem — disse *Lady Lucie* —, para os novos membros que temos entre nós há três regras no que toca a entregar um panfleto a um cavalheiro. Primeira: identificar um homem influente. Segunda: abordá-lo com firmeza, mas com um sorriso nos lábios. Terceira: não se esqueçam que pressentem quando vocês têm medo.

— Como os cães — murmurou *Annabelle*. O olhar cortante da senhora incidiu nela.

— Exatamente.

Visivelmente, esta era das atentas, algo a reter. *Annabelle* puxou as pontas do xaile para se enroscar bem. A lã grossa de pouco servia para a proteger do gelado nevoeiro londrino que pairava sobre a *Parliament Square*, e muito menos dos olhares glaciais de quem passava. O parlamento estava fechado nesta época, mas ainda havia muitos cavalheiros a deambular em redor de *Westminster*, preparando as leis que os regiam. Sentiu um aperto no estômago só de pensar em abordar algum daqueles homens. Nenhuma mulher decente abordava um estranho na rua, muito menos brandindo panfletos que arrojadamente declaravam *A Lei de Propriedade das Mulheres Casadas torna escrava qualquer esposa!* Havia, naturalmente, alguma verdade em tal frase — graças à *Lei de Propriedade*, uma mulher com posses perdia todos os seus bens a favor do marido no dia em que casasse... Ainda assim, tendo em conta os olhares reprovadores cravados

no seu pequeno grupo, tentara distribuir discretamente os seus panfletos. O seu esforço depressa caiu por terra quando *Lady Lucie*, secretária da Sociedade Nacional pelo Sufrágio das Mulheres, abriu a boca para proferir o seu discurso de motivação. A senhora era uma criatura enganadoramente de ar etéreo, delicada como uma boneca de porcelana, com cabelo claro de uma maciez perfeita e um refinado rosto em forma de coração, mas a sua voz projetava-se como uma sirene de nevoeiro sobre a praça enquanto falava com as discípulas.

Como é que aquelas senhoras foram convencidas a assistir? Estavam amontoadas como ovelhas em dia de tempestade, nitidamente a desejarem estar noutra local qualquer, e ela apostaria o seu xaile em que nenhuma delas estaria presa aos dinheiros de um comité de estipêndio. A rapariga ruiva ao lado dela parecia bastante modesta, com os seus olhos castanhos redondos e nariz arrebitado, rosada do frio, mas graças aos mexericos de Oxford sabia quem era a jovem: *Miss Harriet Greenfield*, filha do maior magnata da banca da Grã-Bretanha. O poderoso *Julien Greenfield* provavelmente não faria ideia de que a sua filha trabalhava para a causa. *Gilbert* por certo sofreria uma apoplexia se o soubesse.

Miss Greenfield entregava os seus panfletos com cautela, como se até contasse que tentariam morder-lhe a mão.

— Identificar, abordar, sorrir — murmurou. — É bastante simples.

Nem por isso. Com as golas bem viradas para cima e a cartola enterrada na cabeça, qualquer homem de passagem era uma fortaleza.

A rapariga ergueu os olhos e os olhares delas cruzaram-se. Mais valia sorrir com cordialidade e desviar o olhar.

— É a *Miss Archer*, não é? A estudante com estipêndio?

Miss Greenfield espreitava para ela sobre a sua estola roxa de pelo.

Claro. A coscuvilhice em Oxford funcionava nos dois sentidos.

— Essa mesmo, menina — disse ela, e pensou no que seria, pena ou desdém?

Mas, em vez disso, o olhar de *Miss Greenfield* iluminou-se com a curiosidade.

— Deve ser tremendamente inteligente para ganhar um estipêndio.

— Ora, obrigada — disse *Annabelle*. — Será mais do tipo terrivelmente com estudos a mais.

Miss Greenfield soltou uma risadinha, soando muito jovem.

— Chamo-me *Harriet Greenfield* — apresentou-se, estendendo a sua mão enluvada. — É a sua primeira reunião sufragista?

Lady Lucie pareceu demasiadamente embrenhada no seu discurso sobre justiça e John Stuart Mill para reparar na conversa delas.

Ainda assim, Annabelle baixou o tom de voz para um sussurro.

— Sim, é a minha primeira reunião.

— Oh, fantástico... também é o meu caso — revelou *Miss* Greenfield.
— Espero muito que isto venha a ser adequado. É sem dúvida muito mais complicado encontrar a nossa causa nobre do que seria de esperar, não é?

Annabelle franziu o sobrolho.

— A nossa... causa nobre?

— Sim, não acha que toda a gente deveria ter uma causa nobre? Eu queria juntar-me ao Comité de Senhoras para a Reforma das Prisões, mas a mamã não me permitiria. Por isso, tentei a Sociedade Real de Horticultura, mas falhou.

— Lamento.

— É todo um processo. — *Miss* Greenfield revelou-se imperturbável. — Tenho a impressão de que os direitos das mulheres são uma causa valiosa, embora tenha de dizer que a mera ideia de abordar um cavalheiro e...

— Há algum problema, *Miss* Greenfield?

A voz estalou como um disparo, levando ambas a retraírem-se. Caramba. *Lady* Lucie fitava-as com um olhar irritado, o punho pequeno fincado na anca.

Miss Greenfield curvou a cabeça.

— N-não.

— Não? Fiquei com a impressão de que discutiam algo.

Miss Greenfield guinchou de uma forma que não a comprometesse. *Lady* Lucie era conhecida por não fazer prisioneiros. Corriam rumores de que sozinha causara um incidente diplomático envolvendo o embaixador espanhol e um garfo de prata...

— Estávamos apenas um pouco preocupadas, por sermos novas nisto — explicou Annabelle, e foi imediatamente perfurada pelo olhar empedernido de *Lady* Lucie.

Que grande chatice. A secretária não era mulher para disfarçar emoções com sorrisos fáceis. Enquanto uma centena de mulheres clamava serem raios de sol, esta era uma trovoadas.

Surpreendentemente, a senhora fez um brusco aceno de cabeça.

— Não se preocupem, podem trabalhar juntas.

Miss Greenfield espevitou-se de pronto. Annabelle exibiu os dentes ao sorrir. Se ambas, juntas, convencessem um homem influente já ficaria surpreendida.

Com uma confiança que não sentia, conduziu a rapariga para a movimentada paragem das carruagens, onde o ambiente cheirava a cavalo.

— Identificar, abordar, sorrir — murmurou *Miss Greenfield*. — Acha que isto é viável mantendo um perfil discreto, *Miss Archer*? Percebe, o meu pai... não sei se ele tem consciência de que trabalhar pela causa é algo com muita exposição pública.

Annabelle lançou um olhar pungente por toda a praça. Estavam em pleno coração de Londres, à sombra do Big Ben, rodeadas por pessoas que provavelmente, de uma forma ou de outra, teriam negócios com o pai de *Miss Greenfield*. Manter um perfil discreto envolveria permanecer em Oxford. Teria sido muito mais agradável permanecer em Oxford. Um cavalheiro junto às carruagens abrandou, olhou e então afastou-se dela, comprimindo os lábios como se tivesse pisado algo desagradável. Outra sufragista ali perto não terá tido melhor sorte — os homens rejeitavam-na com esgares de desdém ou agitando as suas mãos cavalheirescas. Algo naquelas mãos desdenhosas levou a que se agitasse no fundo do estômago um sentimento há muito reprimido, tendo ardido na garganta dela como ácido. *Raiva*.

— Não é que o meu pai se oponha a direitos das mulheres como... Oh! — suspirou *Miss Greenfield*. Estacara, com a sua atenção presa em algo atrás do ombro de Annabelle.

Esta virou-se.

Junto à entrada do parlamento, materializou-se saído do nevoeiro um trio de homens. Aproximavam-se rapidamente e com determinação das carruagens, como um comboio a vapor.

Sentiu um desconforto a percorrer-lhe a espinha.

O homem à esquerda parecia um brutamontes, com o seu corpo imenso a esticar as roupas finas. O homem do meio era um cavalheiro, o seu rosto sombrio enquadrado por grandes suíças. O terceiro homem... o terceiro homem era o que elas procuravam: um homem influente. Tinha o chapéu inclinado para a frente, ocultando parcialmente o rosto, e o seu sobretudo de bom corte proporcionava-lhes os ombros retos de um atleta, mais do que uma postura curvada. Mas movia-se com uma confiança pacata e dominante que indicava que poderia ser o dono do chão que pisava.

Parecendo reparar no escrutínio dela, ergueu o olhar.

Ela paralisou.

Os olhos dele eram impressionantes, claros como água e a cintilar de inteligência, uma inteligência relaxada e penetrante que perfuraria até ao núcleo das coisas, para avaliar, descartar, eviscerar.

De pronto, ela era transparente e frágil como vidro.

Desviou o olhar de repente, com o coração aos saltos. Conhecia o tipo dele. Passara anos ressentida com este tipo de homem, daqueles que têm confiança até ao tutano, que destilavam direito a benefícios, desde a sua postura confiante ao nariz aristocrático empinado. Com um olhar bem apontado, era capaz de levar as pessoas a encolherem-se.

De repente, pareceu-lhe que seria importante não se acobardar diante deste homem.

Queriam ser ouvidas por homens influentes? Bem, acabara de cumprir o primeiro passo: *identificar o cavalheiro*.

Segundo: *abordá-lo com firmeza...* Os dedos dela cingiram-se aos panfletos enquanto os seus pés a impulsionaram para a frente, bem diante do caminho dele.

Ele estreitou os seus olhos claros.

Sorrir.

Um empurrão no seu ombro desviou-a para o lado.

— Abra alas, minha senhora!

O brutamontes. Esquecera-se da existência dele; agora, fizera-a tropeçar e por uma horrível fração de segundo o mundo em redor vacilou.

Uma mão firme agarrou-lhe o antebraço, equilibrando-a.

O olhar dela incidiu para o alto e chocou com um olhar relaxado.

Diabos! Era o próprio aristocrata.

E, *caramba*, este homem ia muito além do que elas haviam estabelecido caçar. Não havia nele o mais leve vestígio de suavidade, nem um indício de uma fenda na sua armadura. Estava bem barbeado, o seu cabelo louro de tipo nórdico cortado rente dos lados; na realidade, tudo nele era limpo, direito e eficiente: o nariz proeminente, o corte das sobrancelhas, a linha firme do maxilar. Apresentava a superfície polida e impenetrável de um glaciar.

Ela sentiu de súbito uma convulsão no estômago.

Estava cara a cara com a mais rara das estirpes: um homem absolutamente incontrolável.

Devia fugir.

Tinha os pés colados ao chão. Não conseguia parar de olhar. Aqueles olhos... Um mundo de intensidade cerrada de pestanas reluzia nas profundidades frias e prendia-a, puxava-a, até a consciência entre ambos vibrar de uma forma clara e perturbadora, como uma corrente elétrica.

Os lábios do homem apartaram-se. O olhar dele baixou para a boca

dela. Uma centelha de calor iluminou-lhe os olhos, vinda e ida como um relâmpago.

Bem. Independentemente da posição que ocupassem no mundo, todos gostavam da boca dela.

Estendeu o braço com os panfletos e enfiou-os bem por baixo do nariz dele.

— Vamos melhorar a Lei de Propriedade das Mulheres Casadas, meu senhor?

Os olhos dele tornaram-se impossivelmente mais gelados.

— Está a alinhar num jogo arriscado, menina.

A voz era descontraída e imperiosa como a sua presença.

Aqueceu o sangue dela, em vez de o acalmar.

— Com o devido respeito, o risco de ser empurrada por um cavalheiro à luz do dia por norma é bastante reduzido — disse. — Já me pode largar, por favor?

O olhar dele incidiu na sua mão direita. Que ainda agarrava o braço dela. Ele ficou muito sério.

Logo de seguida, ela já estava livre.

A agitação e o ruído da Parliament Square regressaram aos ouvidos dela, de uma forma alta nada natural.

A sensação da pressão de dedos fortes no seu braço permaneceu como a incandescência de uma queimadura.

Ele já ia a passar por ela, olhando em frente, com os seus dois companheiros a correr na sua peugada.

Ela engoliu em seco e deu com a boca ressequida. Ainda sentia um formigueiro nos lábios como se ele lhe tivesse passado a ponta do dedo por cima.

Uma mão pequena e enluvada tocou-lhe na manga, sobressaltando-a. Os olhos castanhos de *Miss Greenfield* encontravam-se arregalados com preocupação e... espanto.

— Menina. Sente-se bem?

— Sim. — *Não*. Sentia as faces a arder, como se tivesse caído de nariz no chão sobre as pedras húmidas da calçada. Passou uma mão tremente sobre a saia. — Muito bem — disse, com uma animação forçada —, depreendo que o cavalheiro não estivesse interessado.

Pelo canto do olho viu o lorde gélido e os seus vassalos a entrarem numa carruagem grande. Entretanto, *Miss Greenfield* observava-a com uma cautela disfarçada, provavelmente tentando determinar educadamente se ela estaria

um pouco perturbada. Não estava, mas era inegável que agira por impulso. Nosso Senhor a ajudasse. Há tanto tempo que não se sentia impulsiva.

— Sabe de quem se tratava? — questionou *Miss Greenfield*.

Annabelle abanou a cabeça.

— Aquele — disse a rapariga —, era o Duque de Montgomery.

Um duque. Claro que o primeiro homem que tentou persuadir veio a revelar-se um duque, só um pouco abaixo de um príncipe...

Um par de tacões soou rapidamente atrás delas. *Lady Lucie* aproximava-se com a força de uma pequena fragata.

— Aquilo foi o que me pareceu? — quis saber. — Tentou fazer campanha junto do Duque de Montgomery?

Annabelle endireitou as costas.

— Não sabia que ele estava excluído dos nossos esforços.

— Não está. Só que ninguém até hoje tentara abordá-lo. — A senhora inclinou a cabeça e fitou Annabelle de alto a baixo. — Não sei dizer se será uma das mulheres mais corajosas ou mais patetas que recentemente recrutei.

— Não sabia quem ele era — confessou Annabelle. — Parecia simplesmente ser um homem influente.

— Bem, acertou em cheio — disse *Lady Lucie*. — É um dos homens mais influentes do país.

— Não valeria então a pena tentar falar com ele?

— Não o viu? Trata-se de um homem que se divorciou da esposa ao fim de pouco mais de um ano, ficou-lhe com o dote e fez com que ela desaparecesse. Podemos tomar por certo que no que toca a direitos das mulheres é uma batalha perdida e não vamos desperdiçar os nossos poucos recursos com ele.

— Um divórcio? — Podia ser oriunda de uma terra pequena como Chorleywood, mas até ela sabia que não havia divórcios na aristocracia. Ainda assim, não pareceu disposta a desistir. — A opinião do duque poderia convencer outros homens influentes?

Lady Lucie resfolegou de uma forma nada apropriada a uma senhora.

— Ele, se quisesse, poderia influenciar por completo as próximas eleições.

— Mas, isso significa que se está contra nós, pouco interessa quantos conseguirmos chamar para a nossa causa, não é?

— Possivelmente. — *Lady Lucie* enrugou a testa. — Mas não interessa. O nosso exército não foi feito para atacar tal fortaleza.

— E então, que tal um cerco — propôs Annabelle —, ou um subterfúgio, como um grande cavalo de madeira?

Dois pares de olhos semicerraram-se, olhando para ela.

Oh, céus, pensara em voz alta. Ser empurrada por aquele homem deve tê-la abalado mais do que pensara.

— Bem, estou a gostar do que ouço — disse de forma arrastada *Lady Lucie*. — É melhor pormos o Montgomery na agenda da reunião da próxima semana. — Formou-se um sorriso nos seus lábios enquanto estendia a mão. — Chame-me Lucie. Você também, *Miss Greenfield*. E agora dê-me licença, mas creio que está ali *Lorde Chiltern*.

Viram-na a mergulhar no nevoeiro, o seu cachecol vermelho a esvoaçar atrás dela como uma flâmula. Quando *Miss Greenfield* voltou a virar-se para *Annabelle*, a sua expressão era séria.

— Há pouco salvaste-me de a Lucie me repreender diante de toda a gente. Por favor, trata-me por *Hattie*.

Pareceu-lhe de certa forma errado, tal familiaridade, primeiro com uma senhora e agora com uma herdeira. *Annabelle* inspirou fundo. Esta era a sua nova vida, ser estudante, pedir apoio a duques, apertar a mão a raparigas impossivelmente ricas com estolas roxas de pelo. Pareceu-lhe que a atitude mais sensata seria fingir que tudo isto era perfeitamente normal.

— Com todo o gosto — disse ela. — E peço imensa desculpa por há pouco não me ter revelado mais discreta.

A gargalhada de *Hattie* flutuou alegremente pela praça, atraindo quase tantos olhares escandalizados como os seus panfletos.

Nessa tarde, não lograram persuadir qualquer homem de influência. Entre tentativas frouxas, o olhar de *Annabelle* incidia invariavelmente na direção por onde desaparecera a carruagem do duque.

Capítulo 3



Quando Sua Majestade solicita um encontro, até um duque tem de obedecer. Mesmo quando o duque em questão estava visivelmente ocupado a gerir um dos mais antigos ducados do reino e preferiria manter-se afastado das enlouquecedoras multidões de Londres. Ninguém dizia que não à rainha e Sebastian Devereux, 19.º Duque de Montgomery, sabia que não era exceção a essa regra. Convinha a um homem ter consciência das suas limitações. Significava que poderia levá-las em consideração ou ignorá-las em função da necessidade da situação. Percorreu os corredores do Palácio de Buckingham com passadas largas, seguindo obedientemente o porteiro real. O secretário Lambton e o oficial de proteção de Lambton seguiam, como era habitual, algures atrás. O que desejava ela? Da última vez que a rainha o convocara assim tão em cima da hora, abandonara os aposentos dela com a missão de pôr fim a uma guerra comercial com o Império Otomano. Destruíra por completo a sua rotina e ainda andava a tratar da papelada acumulada. Agora preferiria que lhe atribuíssem uma tarefa ainda maior — algo tão monumental que lhe permitisse solicitar algo em troca. Entregou o seu chapéu e sobretudo a um dos lacaios alinhados no corredor de acesso aos aposentos reais.

- Você... — disse ele ao oficial de proteção de Lambton.
- Vossa Graça?
- Não precisava de empurrar a mulher.

As sobrancelhas espessas do homem baixaram.

— A da praça?

— Sim. Ou hoje empurrou outras?

— Ah... não, Vossa Graça.

Sebastian assentiu com a cabeça.

— Se alguma vez souber que voltou a tocar numa mulher, pode esquecer o seu trabalho.

O oficial não era seu empregado. Mas se desejasse que alguém perdesse o seu posto, isso não seria problemático para Sebastian. Uma série de manchas vermelhas espalharam-se pela garganta do homem. Curvou a cabeça.

— Como queira, Vossa Graça.

Um sotaque do East End, e sem sequer ser disfarçado? Tempos de desespero estes, em que até o palácio sentia dificuldade em arranjar pessoal decente.

As amplas portas duplas abriram-se, revelando do outro lado o porteiro e o interior dourado.

— Vossa Graça. *Sir Lambton*. — O porteiro fez uma grande vénia ao recuar. — Sua Majestade vai recebê-los de imediato.

A robusta rainha ergueu-se da sua poltrona num rumorejar de saias pretas rígidas.

— Montgomery. — Virou-se para ele, estendendo a sua mão carregada de joias. — É um prazer vê-lo.

Os seus lábios curvados para cima assim o indicavam. Sentia-se grata com a presença dele. Por ora.

— *Sir Lambton* — virou-se para o seu secretário —, cremos que a vossa viagem foi tranquila?

Lambton abanou a cabeça.

— Falhou por pouco, minha senhora. Fomos atacados por uma feminista na Parliament Square.

Os cantos da boca dela descaíram abruptamente.

— Não me espanta.

— Ela avançou diretamente para o duque.

— Que audácia!

— Escapei incólume, minha senhora — informou Sebastian, com ironia.

— Desta vez — frisou a rainha. — Desta vez. Oh, elas mereciam umas boas vergastadas. Exigências perversas e nada naturais! E quem sofreria, se levassem a sua avante? Ora então, essas mulheres. Nenhum cavalheiro com a cabeça no lugar vai desejar proteger criaturas tão masculinizadas caso surja

a necessidade. Diga-me, Montgomery — quis saber —, ela tinha um ar terrivelmente masculino?

Masculino? A mulher revelara ter os lábios mais macios e convidativos que ele alguma vez vira deste lado do canal. Seria fácil um homem perder-se nos prazeres que poderia facultar uma boca como a dela. Mas, o que era mais notável é que ela o fitara nos olhos. Olhos verdes, ligeiramente oblíquos. Não expressavam o sorriso dela. Ele abanou a cabeça.

— A mim pareceu-me feminina, minha senhora.

— Hmff... — A rainha não pareceu impressionada. — Sabe o que acontece quando gente vulgar tem ideias grandiosas? Caos. Acontece o caos. Basta olhar para França. — Rodou sobre os calcanhares. — No entanto, isso são preocupações para amanhã — frisou. — Hoje temos questões mais urgentes — declarou.

Sebastian ficou tenso. *Urgentes* soava de forma promissora. Ela tinha algo que lhe pertencia, ou o seu sobrinho tinha, e ele só o recuperaria se lhe pudesse oferecer algo em troca que ela desejasse mais. Nos seus dezasseis anos enquanto Montgomery, nunca se proporcionara tal ocasião. Ele compreendia. Era mais fácil controlar um duque, mesmo sendo dos obedientes, quando se mantinha refém o lugar da família de há seiscentos anos.

A rainha voltou a sentar-se na poltrona com tal seriedade que se poderia imaginar que se tratava do seu trono.

— É um homem de um tipo raro, Montgomery — começou ela por referir. — Avalia, decide e executa de uma forma muito eficaz e notavelmente... humilde. — Passou os dedos pelo crucifixo incrustado a diamantes pendurado no seu pescoço. — E eu valorizo imenso a modéstia.

Ele assentiu modestamente, quando na verdade não era nada humilde. Era moderado nos seus atos porque isso trazia resultados, mas ela não era a primeira a interpretá-lo mal a esse respeito. E então ela disse:

— Quero que seja o conselheiro estratégico principal da campanha eleitoral do partido Tory.

A sua educação ducal levou-o a manter a expressão inalterada, mas a sua mente estacou de repente.

— Nas próximas eleições?

A rainha franziu o sobrolho.

— Sim, algo correu mal. O Partido Liberal obteve uma surpreendente liderança.

Não era assim tão surpreendente, se se olhasse para o país com os óculos sóbrios da realidade e não através da ideologia partidária rosada de Disraeli.

Mas a rainha tinha uma adoração surpreendente pelo primeiro-ministro, por muito arrivista que ele se revelasse, e agora ela pedia-lhe, a Sebastian, que aguentasse o homem no poder?

O relógio de cuco alemão na prateleira da lareira assinalou com o seu tiquetaque segundos estratégicos em que ele passou em revista os factos. As eleições eram em março, faltavam pouco mais de cinco meses. Tempo que mal bastava para dar a volta à situação, em especial quando se tem de gerir dez propriedades, trabalho político e um irmão desregrado. Restava saber até que ponto ela queria que ele em particular desse a volta a estas eleições. Bastante. Era um dos seus conselheiros mais apreciados, com apenas trinta e cinco anos, por ser bom no que fazia.

Ele fitou-a nos olhos.

— É uma grande honra, mas não sou político, minha senhora.

Ela retesou-se.

— Saia, Lambton — ordenou.

A expressão carrancuda dela intensificou-se assim que se escutou o estalido da porta a fechar.

— É político em tudo, menos de nome, e ninguém pode contestar a sua capacidade de liderança — declarou. — O seu empenho público tem um registo de sucesso imaculado.

— Minha senhora, presentemente ando demasiado ocupado para fazer justiça a tal tarefa.

— Lamentável — disse ela num tom descontraído, e, vendo que ele não reagia, acrescentou: — Vejamos, há algo que lhe permitisse alterar as suas prioridades?

Mais do que perguntar, desafiava-o a fazer exigências à rainha de Inglaterra.

O olhar dele não vacilou.

— Passo muito tempo a convencer o Hartford a vender-me de volta o Castelo de Montgomery — disse. — Se alguém o convencesse a devolver-me a casa, ficaria livre para aconselhar os Tories.

Ela estreitou os olhos.

— A *vender-lhe* de volta o castelo? E nós que ficámos com a impressão de que ele nunca o adquirira devidamente, antes de mais. — Sob as suas saias impenetráveis, um pequeno pé batia rapidamente. — Recorde-nos, Montgomery, como é que a propriedade da sua família foi parar à posse do meu sobrinho?

Ele achou que a merecia.

— O meu pai perdeu-a para o marquês a jogar cartas, minha senhora.

As sobranceiras da rainha ergueram-se numa surpresa fingida.

— Ah, é isso mesmo. Vê, será de achar que se deve perder um castelo se é tido em tão pouca consideração a ponto de ser apostado numa mão num jogo de cartas, não acha?

— Sem dúvida — respondeu —, mas a verdade é que eu não sou o meu pai.

O *tap-tap-tap* do seu pé cessou. O silêncio que se seguiu foi acompanhado por uma tensão estranhamente pessoal. Ela observara-o, ao longo de anos, a tentar recuperar o legado da sua família, sem nunca o obstruir nem ajudar. Com uma exceção, desconfiava ele, quando se livrou da sua esposa e as consequências se revelaram bastante fáceis de gerir.

— Efetivamente, não é — disse ela. — Daí desejar que tome conta da campanha.

— Minha senhora...

Ela ergueu rapidamente a mão.

— Muito bem. Depois das eleições, o Hartford vai apresentar-lhe uma proposta.

Ele retesou os músculos como se tivesse sido empurrado para o chão, furtando-lhe o ar dos pulmões.

— A proposta estará dependente do resultado das eleições? — conseguiu ele dizer. Era necessário deixar tudo bem esclarecido.

Ela troçou.

— Por certo que sim. A palavra final no que toca à vitória estará naturalmente nas mãos de poderes mais elevados, mas não será essa a verdadeira prova de que precisamos para saber que o castelo deve efetivamente ser-lhe devolvido?

A mente dele já seguia muito à frente quando se levantou e avançou para as portas, reordenando a agenda para os meses seguintes.

— Duque.

Ele virou-se lentamente para trás.

A rainha reclinava-se na sua cadeira, com um brilho malicioso nos olhos azuis.

— Se pretende que esta campanha seja bem-sucedida — disse ela —, o seu comportamento terá de ser exemplar.

Ele controlou um franzir de sobrolho. O seu comportamento era tão exemplar, todos os limites tão bem traçados, que nem sequer um divórcio lograra arruinar a sua posição.

— Há quem diga que está a tornar-se excêntrico — comentou ela —, mas a excentricidade não é muito bem-vinda num homem que ainda nem sequer chegou aos quarenta, não concorda?

— Concordo...

— E, no entanto, raramente é visto em festas. Não organiza jantares, é verdadeiramente pouco sociável, quando todos sabem que a política se faz diante de um bom banquete. E no ano passado não houve festa de passagem de ano, nem no anterior.

E no ano anterior a esse só aconteceu por haver uma duquesa para gerir tudo.

Cerrou os dentes. Já sabia sem margem de dúvida onde isto ia dar.

— A festa de ano novo de Montgomery era famosa em todo o continente quando eu era jovem — prosseguiu a rainha. — O seu avô organizava os mais espetaculares fogos de artifício. É certo que na época tudo tinha lugar no Castelo de Montgomery, mas Claremont deve servir.

— Quer que eu organize uma festa de passagem de ano. — A voz dele soou seca como pó.

Ela uniu as mãos com um bater de palmas animado.

— Ora, é isso mesmo. Já está atrasado com os convites, é evidente, mas as pessoas poderão alterar os seus planos. Ninguém quererá dar a impressão de não ter sido convidado para o acontecimento do ano. Portanto, cumpra o seu dever, duque. Dê uma festa. Festeje.



Festeje. As palavras saltitaram em redor de forma trocista enquanto o comboio chocalhava de regresso a Wiltshire. Sebastian desviou o olhar do horizonte que escurecia.

Ramsey acabara de pousar o seu bloco de notas, a caneta-tinteiro e o mata-borrão na mesa estreita diante dele e ia retirar-se para o recanto da criadaagem na carruagem.

— Ramsey, elabore uma lista de pessoas que precisamos reunir para uma festa de passagem de ano.

Apesar de muito bem ensinado, o pajem não conseguiu evitar arregalar os olhos de espanto antes de controlar a sua expressão.

— Sim, Vossa Graça.

— Terá de haver fogo de artifício; não olhe a despesas.

— Compreendido, Vossa Graça.

— E um baile — acrescentou sombriamente Sebastian. — Até à próxima semana preciso de um tema para um baile de inverno.

— Naturalmente, Vossa Graça. — Ramsey levou a mão ao interior da jaqueta e retirou de lá uma cigarreira fina de prata. Pousou-a junto ao mata-borrão e retirou-se.

Sebastian pegou na caneta. A retaliação da rainha fora certa. Não seria propriamente um castigo, uma festa em casa, mas a verdade é que sabia como aborrecê-lo: multidões ruidosas, conversas de treta, ar pesado, a intrusão no seu lar e trabalho — e não havia duquesa para suportar o impacto de organizar e socializar. Ficou muito quieto. Seria essa a verdadeira intenção da rainha, levá-lo a sentir a ausência de uma esposa?

Pousou a caneta e pegou nos cigarros. Não precisava de ser recordado. Um homem da sua idade já há muito que deveria ter uma duquesa a tratar da casa e um bando de filhos. E todas as mulheres de meia-idade também o sabiam. Enviariam as suas filhas debutantes sempre que ele aparecesse — raparigas de dezassete anos, todas ansiosas por serem a próxima Duquesa de Montgomery. Todas com receio dele, de olhar sequer para ele. A sua boca curvou-se num sorriso sarcástico. Se alguma viesse a ser esposa dele, teria de suportar muito mais do que olhar para ele.

Sem ser convidado, surgiu-lhe na mente um par de olhos verdes. A mulher da praça. Olhara-o nos olhos. *Dirigira-lhe a palavra*. As senhoras suas conhecidas nunca se atreveram a tal, quanto mais mulheres numa posição tão inferior à sua. Inconcebível. E, todavia, a Olhos Verdes atrevera-se. Afastara-se da horda, da multidão sem rosto que por norma se movia nas franjas da sua vida, e atravessara-se no seu caminho... Miúda presunçosa. Possivelmente, desequilibrada.

Abriu o seu bloco de notas e ao assentar a caneta no papel tudo se desvaneceu, com a exceção da tarefa em mãos. Castelo de Montgomery. Oferecido ao primeiro duque pelos serviços prestados na Batalha de Hastings, perdido pelo 18.º duque num jogo de cartas. Iria recuperá-lo, nem que fosse a última coisa que fizesse na vida.